

HISTORIA DE CHRISTO: ENTRE TRADUÇÃO E DOCTRINA

Aline Fogaça dos Santos Reis e Silva (USP/Capes)¹

Resumo: O presente texto se propõe à análise das duas traduções de *Storia di Cristo*, na perspectiva da tradução enquanto reescritura, texto domesticado e doutrinário; bem como à apresentação do levantamento de notas, resenhas, crônicas e artigos publicados em alguns dos principais periódicos nacionais a respeito dos volumes publicados, como recorte ao exame da recepção e repercussão do escritor Giovanni Papini no Brasil.

Palavras-chave: Giovanni Papini; Historia de Christo; tradução doutrinária

Em 1921, Giovanni Papini publica, na Itália, *Storia di Cristo*, obra que é o resultado de sua conversão ao catolicismo e que, em razão da temática abordada, torna-se uma espécie de divisor de águas em sua trajetória literária. A recepção à obra foi notória tanto no sistema literário italiano quanto no brasileiro, com a veiculação de resenhas e artigos dedicados ao volume e à polêmica conversão; material publicado, em sua maior parte, nas seções literárias dos principais periódicos de ambos os países.

Exemplo disso lê-se na revista *Ilustração Brasileira*, de fevereiro de 1923:

E, pois, que estamos tratando de um assumpto religioso, vem a pêllo contar a historia de um dos mais retumbantes casos de conversão.


Trata-se nada mais, nada menos que da conversão do escriptor toscano Giovanni Papini. Depois de vinte annos de aventuras intellectuaes e moraes, espalhou aos quatro ventos que se tinha convertido ao catholicismo e escreveu um livro, *Historia de Christo*, que hoje está traduzido numa infinidade de línguas.

No prefacio, Papini conta os motivos que o levaram ao Evangelho, à vida christica que, guardadas as devidas proporções, vae ser d'ora avante a sua vida.

Como mencionado no artigo, de fato, no prefácio, Papini não somente aborda questões relacionadas à conversão, como também procura explicar suas escolhas estilísticas, lexicais e o motivo em si para a sua composição. Utilizando-se da terceira pessoa, ele mesmo inicia o paralelo traçado entre as suas diferentes fases, lembrando o projeto de outra obra, *Un uomo finito* (1912):

O autor escreveu um livro, ha annos, para contar a triste vida de um homem que quiz, por um momento, ser Deus. Agora, na naturalidade

¹ Graduada em Letras (Unesp/Assis), Mestre em Estudos da Tradução (UFSC), Doutoranda em Letras (USP). Contato: alinefogacareis@gmail.com.



da alma e da consciência, tentou escrever a vida de um Deus que se fez homem.

[...] apoz longos mezes de pensamentos tempestuosos, de repente, interrompendo um trabalho antes começado, como que solicitado, impelido por uma força mais forte que elle, poz-se a escrever este livro sobre Christo, o qual hoje lhe parece insufficiente expiação da sua falta. Jesus muitas vezes tem sido mais amado justamente pelos que antes o detestavam. Às vezes o ódio, na sua inconsciencia, é um amor imperfeito: em todo caso é melhor noviciado de amor que a indiferença. (PAPINI, 1929, p. 28)


A confluência entre esses dois momentos díspares é reiterada nas palavras da professora Annateresa Fabris (1987, p. 8, grifos da autora): “a obra-paradigma deste momento é, com certeza, **La storia di Cristo** (1921), cujos germes já estavam em **Un uomo finito**, como percebeu Cândido Motta Filho”.

E a respeito da tenuidade entre o humano e o sagrado, Giuseppe Fantino (1981, p. 82) defende que *Historia de Christo* “è il dramma d’un Dio condannato a farsi uomo e a vivere in mezzo agli uomini con carne umana e spirito divino; ed è anche la storia dell’umanità vista attraverso il riverbero dei suoi periodi più tristi. È storia umana e insieme divina”. O ensaísta ainda defende que, com exceção dos milagres relacionados à figura de Cristo, resta-lhe uma vida tão usual como a de qualquer outro ser humano.

Ponto de vista semelhante possui Queiroz Lima, ao pontuar que *Historia de Christo* não é um livro de fé, nem de amor ou de coraçaõ, no ensaio “Giovanni Papini e... (notas para um ensaio)”, publicado na *Ilustração Brasileira*, de setembro de 1925.

Além dum sucesso de mundanismo e de livraria, não consegui descobrir valores novos no livro tão celebrado. Não é *Historia* (com H maiusculo) nem é exegetica (mesmo com *e* minúsculo). Não é compungida apologetica nem seria interpretação historica. E’ apenas mais um livro. Um como ha milhares... E creio que em nada se accrescentou com este o escriptor interessante que era Papini. (LIMA, 1925, p. 48)

Em sua análise, o crítico pondera sobre os diferentes momentos ideológicos pelos quais transitou Papini até o catolicismo militante, conversão vista exatamente como o desejo de galgar uma posição de destaque no panorama literário italiano. Empresa que, todavia, segundo ele, não atinge o êxito esperado.



O Brasil vem conhecendo Papini de algum tempo. Alguns jornaes e revistas indigenas mencionaram-lhe o nome em oportunidade varia. Mesmo na privincia (sic) li, numa gazeta clerical, coisas horrivelmente falsas sobre elle. Em São Paulo, traduziram-lhe as obras principaes. Principaes digo, porque foram lançadoras do escriptor no cosmopolitismo, na europeanização. Isto é equivalente de democratização e banal popularidade. Como seria justo, parece-me porém que as suas obras traduzidas e largamente lidas são as do peor Papini. (LIMA, 1925, p. 46)

Ao afirmar que o pior Papini fora traduzido e lido, a opinião de Queiroz Lima ecoará na análise de Annateresa Fabris, de que não foram traduzidas para o português as obras do primeiro Papini, iconoclasta.


O escritor que o público brasileiro conhece nas edições vernáculas, com a exclusão de **Um homem acabado** e **Palavras e sangue**, é o Papini “segunda maneira”, é o Papini profundamente modificado pelo impacto da Primeira Guerra Mundial, o qual, após uma longa crise interior, se converte ao catolicismo, modera seu ímpeto iconoclasta no quadro geral daquela “volta à ordem” que caracteriza a Europa dos anos 20. (FABRIS, 1987, p. 8)

Apesar da distância temporal entre os dois artigos, as opiniões convergem a respeito da perpetuação do segundo Papini como obra paradigmática, e o resultado disso é que o escritor se torna o “autor de *História de Cristo/ Storia di Cristo*”, como vem constantemente citado nos artigos, mesmo quando são a respeito de outros assuntos. Nesse sentido, em mapeamento realizado nos acervos online de alguns dos periódicos nacionais, é possível identificar que, muitas das vezes, o assunto relacionado à sua conversão é mais enfatizado do que a obra em si.

Tamanha repercussão é também fruto das duas traduções brasileiras integrais, pois, segundo André Lefevere (2007, p. 24), a tradução é a forma mais reconhecível e potencialmente influente de projetar um autor em uma cultura diversa.

A primeira delas é de autoria do jornalista e professor Francisco Pati, publicada pela editora A. Tisi & Cia., em 1924, na Coleção Italica.

Mediando as relações entre Itália e Brasil, o objetivo dessa editora era o de se consolidar como um “instituto de intercambio intellectual entre os dous grandes paizes vizinhos” (RAGOGNETTI, 1923, p. 3). Nesse sentido, com o intuito de divulgar a literatura italiana no sistema literário brasileiro, a Coleção Italica publicou ainda



Pirandello, Marinetti, entre outros, mas com a preocupação de trazer ao público um estudo crítico e biográfico sobre cada autor. Além disso, Tisi buscava, de fato, promover um diálogo entre as culturas italiana e brasileira, por meio da tradução, “ato fundamental de intercâmbio do ser humano” (BASSNETT, 2005, p. 12). E isso se confirma na predileção pelos homens de estudo e amigos dos livros, como aponta Ferruccio Rubiani, na *Folha da Manhã*, de 17 de março de 1929. Não à toa, portanto, em seu quadro de colaboradores, a editora procurava contemplar intelectuais renomados: o próprio Rubiani, Nicolau Nazo, Motta Filho, Nicola Rollo, entre outros, como forma de legitimação do material traduzido e publicado.

Já a segunda tradução foi feita pelo padre Lindolpho Esteves e publicada em 1929 pela Companhia Editora Nacional, com repercussão mais significativa, a começar pela propaganda veiculada em *O Estado de S. Paulo*, de 28 de fevereiro de 1930, a respeito dos livros daquele momento.

A Nacional teve como um dos fundadores Monteiro Lobato, o qual foi o primeiro editor no país a visualizar a indústria de livros como um mercado voltado a um consumo de massa. Sob essa perspectiva, foi responsável por metade da literatura publicada nos anos 1920, pela Monteiro Lobato e Cia., e por um quarto dessa produção, durante a década de 1940, pela Lobato's Companhia Editora Nacional (MILTON; HIRSCH, 2005).

De acordo com esse ideal, outra característica da Nacional foi a de organizar o seu acervo em coleções que atendessem a diversos públicos, uma estratégia adotada por várias editoras. O seu diferencial foi a preocupação com quem as dirigiria, conforme afirma Silvia Asam da Fonseca (2010, p. 7), da mesma forma como ocorria na administração da Coleção Itálica da editora Antonio Tisi. Nesse sentido, optavam-se por organizadores que pudessem legitimar a seleção empreendida (TOLEDO, 2010, p. 143).

Por esses motivos, Anísio Teixeira foi escolhido como autor e diretor da Coleção Biblioteca do Espírito Moderno, lançada em 1939, “como parte de um projeto editorial maior de incluir os livros não-didáticos em coleções, nos moldes das coleções já existentes” (FONSECA, 2010, p. 33). Teixeira, portanto, almejava alavancar para o Brasil um avanço nas ciências e na democracia, por intermédio, sobretudo, da tradução de literatura anglo-saxã. E embora fosse esse o seu foco, alguns títulos de literaturas

européias não foram descartados, como é o caso de *Historia de Christo*, presente no catálogo a partir de 1941, na série História/Biografia².

Como nota novamente Fonseca (2010, p. 76-79), Giovanni Papini, William James Durant, Herbert George Wells e Manuel Bandeira são nomes que constam tanto na “Biblioteca do Espírito Moderno” quanto na Biblioteca Brasileira do Instituto Nacional do Livro. Isso porque,

[...] não é necessariamente o maior expoente do ramo, mas alguém com um mínimo de credenciamento. [...] Para uma coleção destinada ao público médio, o credenciamento se faz de várias formas: o autor pode ter grande número de títulos já publicados e, portanto, faz parte dos autores “consagrados” pelo público, também pode ser o ganhador de algum tipo de prêmio (Nobel, Pulitzer), pode ter algum tipo de inserção no mundo acadêmico (professores universitários) ou, ainda, ser jornalista ou colaborador dos grandes jornais dos Estados Unidos e Europa. (FONSECA, 2010, p. 79)

Embora à época fossem poucas as suas traduções no Brasil, Papini já havia publicado diversas obras na Itália e colaborado para jornais e revistas, muitas das quais foi fundador. Por outro lado, a grande questão é que, apesar da notoriedade do primeiro Papini, a consolidação – ou “credenciamento” – de seu nome se dá através de obras tidas como medianas e não literárias, como lemos na revista *O Cruzeiro*, em 1º de novembro de 1941, na seção “Livros Novos”:

Giovanni Papini, autor de “Gog e Mogog”, é também o autor deste livro impressionante sobre Cristo: **História de Cristo**, realizado sem citações históricas, sem ciência ou erudição, mas com calor, com interpretação muitas vezes desabusada, com fogo – um fogo católico, pois o livro é aceito pelas autoridades da Igreja. Mais de cento e quarenta capítulos constituem esta obra: um belo volume de quase 400 páginas, lançado pela Companhia Editora Nacional em sua “Biblioteca do Espírito Moderno”.

Todo o entusiasmo que circunda a recepção à tradução é sintetizado pela aprovação da Igreja Católica! Isto é, é aceito pela Igreja, mas rechaçado por boa parte da crítica, sobretudo aquela não ligada à ideologia católica.

Além disso, em termos de rentabilidade, *Historia de Christo* era um dos títulos que sustentavam a coleção, cuja descrição em um dos memorandos³ da editora diz:

² A coleção dividia-se em quatro séries: Filosofia, Ciências, História/Biografia e Literatura.

“livro de interesse perene, de autor mundialmente conhecido e que teve edições em todas as línguas”, conforme nos informa sempre a pesquisa de Fonseca (2010, p. 204; 302).

No que tange aos aspectos textuais, a tradução do Pe. Lindolpho Esteves apresenta diferenças substanciais em relação ao texto em italiano: os noventa e seis capítulos do texto-fonte foram subdivididos e transformaram-se em cento e vinte e três.

A título de exemplo, o primeiro capítulo da obra, em italiano, é intitulado “La stalla”, traduzido em ambas as edições como “A estrebaria”. Em sua tradução, Pe. Esteves, no entanto, subdivide-o em “A estrebaria” e “O boi e o burro”, a partir do nono parágrafo, como vemos a seguir:

| <i>Storia di Cristo</i> | <i>Historia de Christo</i> Tradução de Francisco Pati | <i>Historia de Christo</i> Tradução de Pe. Lindolpho Esteves |
|--|--|--|
| <p>LA STALLA</p> <p>Gesù è nato in una Stalla.</p> <p>Una Stalla, una vera Stalla, non e il lieto portico leggero che i pittori cristiani hanno edificato al Figlio di David, quasi vergognosi che il loro Dio fosse giaciuto nella miseria e nel sudiciume. E non è neppure il presepio di gesso che la fantasia confettiera de' figurinai ha immaginato nei tempi moderni; il presepio pulito e gentile, grazioso di colore, colla mangiatoia linda e ravviata, l'asinello estatico e il compunto bue e gli angeli sul tetto col festone svolazzante e i fantocchini del re coi manti e dei pastori coi cappucci, in ginocchio a' due lati della tettoia. <u>Codesto può essere il sogno dei novizi</u>, il lusso dei curati, il balocco dei</p> | <p>A ESTREBARIA</p> <p>Jesus nasceu numa Estrebaria.</p> <p>Uma Estrebaria, uma verdadeira Estrebaria, não é o alegre portico amoravel que os pintores christãos edificaram para o Filho de David, quasi envergonhados de que o seu Deus tenha jazido na miseria e na imundicie. Não é tambem o presepe de gesso que a phantasia de confeiteiros e de fazedores de figuras creou nos tempos modernos; o presepe polido e gentil, de colorido gracioso, com a mangedoura direta e linda, o asno extatico e o boi compungido, os anjos no tecto com as fitas esvoaçantes e os fantoches dos reis com mantos e de pastores com os capuzes, de joelhos, em ambos os lados do berço. Isto</p> | <p>A estrebaria</p> <p>Jesus nasceu n'uma estrebaria.</p> <p>A estrebaria não é o portico airoso e leve que os pintores christãos, envergonhados com o berço sujo e miseravel em que repousou o seu Deus, levantaram ao filho de David; não é o presepio de gesso imaginado hoje pela phantasia dos vendedores de estatuetas, presepio limpo e ordenado, com o burro e o boi em extase piedoso, com anjos desdobrando no tecto uma bandeirola e com os dois grupos de reis de ricos mantos e pastores encapuzados, symetricamente ajoelhados, em torno delle.</p> <p><u>O presepio será talvez um sonho de noviços</u>, um luxo de vigarios, um brinquedo de</p> |

³ Memorando interno de 29/08/78 de Mitsue Morissawa (da “Oficina editorial”) para Ézio Távola (diretor do departamento editorial), a respeito do levantamento feito em diversas coleções, entre as quais, a “Biblioteca do Espírito Moderno”, seção História e Biografia (FONSECA, 2010, p. 300).

| | | |
|---|--|--|
| <p>bambini, il «vaticinato ostello» di Alessandro Manzoni ma non è davvero la Stalla dov'è nato Gesù.</p> <p><u>Una Stalla, una Stalla reale, è la casa delle Bestie</u>, la prigione delle Bestie che lavorano per l'Uomo. L'antica, la povera Stalla dei paesi antichi, dei paesi poveri, del paese di Gesù, non è il loggiato con pilastri e capitelli [...]</p> <p>[...]</p> <p>Non per caso nacque Gesù in una Stalla. Il mondo non è forse un'immensa Stalla dove gli Uomini inghiottono e stercano? Le cose più belle, più pure, più divine non le cambiano forse, per infernale alchimia, in escrementi? Poi si sdraiano sui monti del letame e chiamano ciò «godere la vita».</p> <p><u>Sulla terra</u>, porcile precario dove tutti gli abbellimenti e i profumi non posson nascondere lo stabbio, è apparso una notte Gesù partorito da una Vergine senza macchia, di nulla armato che d'Innocenza.</p> <p>I primi che adorarono Gesù furono animali e non uomini.</p> <p>Fra gli uomini cercava i semplici, tra i semplici, i fanciulli – più semplici dei fanciulli, più mansueti, lo accolsero gli Animali domestici. Benchè umili, benchè servi di esseri più deboli e feroci di loro, l'Asino e il Bove avevan visto inginocchiarsi dinanzi a loro le moltitudini. [...] (p. 1-3)</p> | <p>póde ser o sonho dos noviços, o luxo dos curas, o brinquedo das creanças, o “vaticinato ostello” de Alexandre Manzoni, mas não é, em verdade, a Estrebaria onde nasceu Jesus.</p> <p>Uma Estrebaria, uma Estrebaria real, é a casa dos Animaes, a prisão dos Animaes que trabalham para o Homem. A antiga, a pobre Estrebaria dos paizes antigos, dos paizes pobres, do paiz de Jesus, não é o portico com pilastras e capiteis [...]</p> <p>[...]</p> <p>Não foi por acaso que Jesus nasceu numa Estrebaria. Não é, porventura, o mundo uma immensa estrebaria onde os homens deglutem e defecam? As cousas mais bellas, mais puras, mais divinas, não as mudam elles, por infernal alchimia, em excrementos? E depois chafurdam sobre montes de immundicie, e a isto chamam “gozar a vida”.</p> <p>Sobre a terra, pocilga ephemera para a qual não valem embelezamentos e perfumes, certa noite appareceu Jesus, nascido de uma Virgem sem peccado, e vinha armado só de innocencia.</p> <p>Os seus primeiros adoradores foram animaes e não homens.</p> <p>Entre os homens procurava os simples, entre os simples as creanças, – e mais simples e mais doces de que as creanças, acolheram-no os Animaes domesticos. Embora humildes, servos, embora, de sêres mais fracos e mais ferozes, o Asno e o Boi tiveram multidões ajoelhadas</p> | <p>crianças, o <i>vaticinato ostello</i> de Manzoni, mas não é o estabulo em que nasceu Jesus. <u>O estabulo é a casa dos animaes</u>, a prisão dos animaes que trabalham para o homem. O velho e pobre estabulo do paiz de Jesus não tem columnas nem capiteis [...]</p> <p>[...]</p> <p>Isto não se deu por acaso: não é a terra um estabulo immenso, onde o homem mastiga e digere? Por ventura uma infernal alchimia não transforma em estrume as cousas mais bellas, mais puras, mais divinas? Monturo onde a gente se revolve: a isto os homens chamam “gozar a vida”. <u>Em semelhante mundo</u>, morada precaria cujos ornamentos mal disfarçam a podridão, Jesus nasceu, uma noite, de uma virgem sem mancha, agazalhado unicamente com a sua innocencia.</p> <p>O boi e o burro</p> <p>Os primeiros adoradores de Jesus foram animaes e não homens. Entre os homens elle procurava os simples; entre os simples, as creanças: acolheram-no porém os animaes domesticos mais simples e mais doces ainda que as creanças. O burro e o boi, humildes e submissos, já tinham visto as multidões se prosternarem diante delles. [...] (p. 33-34, grifos nossos)</p> |
|---|--|--|



| | | |
|--|------------------------------|--|
| | aos seus pés. [...] (p. 3-5) | |
|--|------------------------------|--|

A partir dos excertos acima, percebemos que Pe. Esteves também optou pela divisão dos capítulos a partir dos tópicos frasais que constituem a narrativa de Papini. Em razão de seu cargo eclesiástico, talvez tenha preferido enfatizar separadamente os episódios bíblicos com o objetivo de fazer chegar ao público uma tradução doutrinária, baseada em uma “interpretação institucionalizada [...], formada no âmbito da Igreja Católica Romana” (RODRIGUES, 2000, p. 73).

Outra hipótese refere-se à proximidade com a conduta que muitos escritores utilizam em suas narrativas: a de guiar o percurso de leitura de seu interlocutor, nessa espécie de diálogo que se estabelece entre ambos (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 22-23). No caso da tradução, em uma dimensão menos ampla, tais estratégias corroboram o aspecto doutrinário da formatação/disposição textual e das escolhas estilísticas.

Nesse sentido, em termos lexicais, algumas escolhas de Papini foram adaptadas, como “gli Uomini inghiottono e stercano”, em que, para os verbos, o tradutor optou por “mastigar” a “engolir” e “digerir” a “estercar”, amenizando a conotação animalésca e rudimentar conferida aos homens.

A respeito disso, o próprio Papini, sempre no prefácio à obra, diz que a escolha de um léxico mais violento foi proposital:

Fiel aos termos da Revelação e aos dogmas da Igreja Catholica, esforçou-se em traduzir os Evangelhos de modo não commum, em estylo violento, cheio de opposições e escorços, de phrases vivas e cruas – para ver se as almas de hoje, acostumadas á mordacidade do erro, se despertavam aos aguilhões da verdade. (PAPINI, 1929, p. 21)

Em direção similar, outra alteração presente nesta tradução ocorre na mudança de título dos capítulos: em italiano, “Il lievito” (O fermento) tornou-se “O banquete”, e as parábolas presentes em seus primeiros parágrafos foram eliminadas.

À primeira vista poderia parecer uma forma de manipulação do texto, contudo, a narrativa papiniana, enquanto temática, não é inédita; é, antes, uma versão das parábolas presentes nos Evangelhos, com riqueza de detalhes, muitos deles seculares. No capítulo “Os pastores”, o escritor traça um paralelo entre Jesus e Ulisses:

| <i>Storia di Cristo</i> | <i>Historia de Christo</i> Tradução de Francisco Pati | <i>Historia de Christo</i> Tradução de Pe. Lindolpho Esteves |
|--|--|--|
| <p>I PASTORI Anche il Re Sconosciuto, il giramondo Odisseo, da nessun altro fu accolto con tanta gioia come dal pastore Eumeo nella sua Stalla. Ma Ulisse veniva verso Itaca per far vendetta, tornava alla sua casa per ammazzare i nemici. Gesù nasceva invece, per condannare la vendetta, per comandare il perdono ai nemici. E l'amoie dei Pastori di Betlemme ha fatto dimenticare la pietà ospitale del porcaio di Itaca. (p. 5)</p> | <p>OS PASTORES Tambem o Rei Desconhecido, o vagamundo Ulysses, fôra acolhido com alegria pelo pastor Eumeo, na sua Estrebaria. Mas Ulysses viajava para Itaca em procura de vingança e voltava ao seu lar para matar os inimigos. Jesus, porém, nascia para condennar a vingança e aconselhar o perdão para os inimigos. E o amôr dos Pastores de Bethlem fez esquecer a piedade hospitaleira do porqueiro de Itaca. (p. 8-9)</p> | <p>Os pastores O rei desconhecido, o vagabundo Ulysses nunca fora acolhido com tantas festas como na pocilga de Eumeu. Mas si Ulysses viajava para a sua casa de Itaca para vingar-se e matar seus inimigos, Jesus nascia para condennar a vingança e aconselhar o perdão. Eis porque a adoração dos pastores de Bethlem faz esquecer a piedosa hospitalidade do porqueiro de Itaca. (p. 36)</p> |

A esse respeito, novamente Papini, no prefácio à obra, “O autor a quem lê”, afirma:


Nenhuma vida de Jesus, mesmo que a escrevesse um escritor de genio maior de quantos o foram, seria mais bella e perfeita que os Evangelhos. A cândida sobriedade dos quatro primeiros históricos jamais será vencida ainda mesmo pelas maravilhas do estylo e da poesia. E muito pouco podemos acrescentar ao que disseram. (PAPINI, 1924, p. xi)

Embora pouco se possa acrescentar à narrativa dos evangelhos, Papini escreve-os a partir de sua leitura e de seu estilo. Sendo assim, talvez o tradutor optara por seguir um caminho parecido àquele do escritor italiano, ao inserir também ele alguns trechos não existentes no texto fonte, como ocorre no capítulo “O profeta do fogo”: além da inserção de dois parágrafos que não constam do texto em italiano, Pe. Esteves novamente subdividiu o capítulo em duas partes e, ao final do segundo, suprimiu o parágrafo final. Em outras passagens, suprime alguns adjuntos adverbiais e nominais, bem como algumas orações subordinadas, conforme alguns exemplos abaixo:

| <i>Storia di Cristo</i> | <i>Historia de Christo</i> Tradução de Francisco Pati | <i>Historia de Christo</i> Tradução de Pe. Lindolpho Esteves |
|---|--|---|
| <p>I PASTORI</p> <p>[...] I Pastori vivono <u>quasi</u> sempre solitari e distanti. (p. 4)</p> <p>ERODE IL GRANDE</p> <p>[...] La Strage degli Innocenti fu l'ultima gesta del <u>puzzolente e insanguinato vecchio</u>. (p. 13)</p> <p>PATERNITÀ</p> <p>[...] Gesù, come tutti i grandi spiriti, amava la Campagna. (p. 26, grifos nossos)</p> | <p>OS PASTORES</p> <p>[...] Os Pastores vivem quasi sempre solitarios e distantes. (p. 7)</p> <p>HERODES O GRANDE</p> <p>[...] A Devastação dos Innocentes foi o ultimo gesto do velho imundo e ensanguentado. (p. 17)</p> <p>PATERNIDADE</p> <p>[...] Como todos os grandes espíritos, Jesus amava a Campina. (p. 31)</p> | <p>Os pastores</p> <p>[...] Os pastores vivem na solidão (p. 35)</p> <p>Os inocentes</p> <p>[...] A matança dos inocentes foi o último feito de Herodes. (p. 41)</p> <p>O campo</p> <p>Jesus amava os campos. (p. 50)</p> |

Esta tradução foi impressa em colaboração com a Cúria Metropolitana, e nesse sentido, faz-nos ponderar sobre os fatores de controle relacionados à editoração, como pontua Lefevere em seu estudo. Dentre esses, está justamente o mecenato, que, contudo, opera fora do sistema literário e está relacionado a diferentes formas de poder: pessoas e instituições, as quais, por meio da manipulação, determinam as tensões relativas à canonização e à aceitação dos trabalhos literários. O mecenato “está comumente mais interessado na ideologia da literatura do que em sua poética, poder-se-ia dizer que o mecenato ‘delega autoridade’ ao profissional no que diz respeito à poética” (LEFEVERE, 2007, p. 34).

No caso específico da tradução, o mecenato pode ser exercido por editoras, por um determinado governo ou partido político, ou até mesmo por uma instituição religiosa. Dentre os elementos que compõem o mecenato, o primeiro deles é o ideológico, ou mais precisamente as afinidades e interesses que motivam a tradução de um autor. Sob esse viés, é muito semelhante o elemento de *status*. Tendo em vista que “aceitar o mecenato implica a integrar-se num grupo de apoio determinado e ao seu estilo de vida” (LEFEVERE, 2007, p. 36), teremos padres como tradutores para essas



mesmas obras de Papini, ainda quando não se tratavam de editoras católicas, como é o caso da Companhia Editora Nacional. Existe aí uma, então, uma coerência entre a vida do tradutor e a temática da obra.

Referências bibliográficas

BASSNETT, Susan. *Estudos de tradução*. Tradução de Sônia Terezinha Gehring, Letícia Vasconcellos Abreu e Paula Azambuja Rossato Antinolfi. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

FABRIS, Annateresa. Giovanni Papini e o Modernismo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano VII, n. 384, p. 8-9, 7 nov. 1987.

FANTINO, Giuseppe. *Saggio su Papini*. Milano: Editrice Italia Letteraria, 1981.

FONSECA, Sílvia Asam da. *A coleção Bibliotheca do Espirito Moderno: um projeto para alimentar espíritos da Companhia Editora Nacional*. 2010. 366 p. Tese (Educação: História, Política, Sociedade). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Ilustração Brasileira, Rio de Janeiro, ano IV, n. 30, p. 63, fev. 1923.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2009. (Temas, Literatura brasileira, 58)

LEFEVERE, A. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução de C. M. Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.

MILTON, John; HIRSCH, Irene. Translation and Americanism in Brazil: 1920-1970. *Across Languages and Cultures*, Budapeste, v. 6, n. 2, p. 234-257, 2005. Disponível em: < http://dlm.fflch.usp.br/sites/dlm.fflch.usp.br/files/2005-Translations_and_Americanism.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2017.



O Combate, São Paulo, ano IX, n. 2.546, p. 3, 2 dez. 1923.

O commercio de livros em S. Paulo. *Folha da Manhã*, São Paulo, ano IV, n. 1.398, p. 7, 17 mar. 1929.

O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 1, p. 16, 1 nov. 1941.

Os livros do momento. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano LVI, n. 18.483, p. 3, 28 fev. 1930.

PAPINI, Giovanni. *Historia de Christo*. Tradução de Pe. Lindolpho Esteves. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929.

_____. *Historia de Christo*. Tradução de Francisco Pati. São Paulo: A. Tisi & Cia., 1924. (Italica, 2)

_____. *Storia di Cristo*. 4. ed. corrigida. Firenze: Vallecchi, 1923.

QUEIROZ LIMA. Giovanni Papini e... (notas para um ensaio). *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 61, p. 26-48, set. 1925.

RAGOGNETTI, Vincenzo. Os livros do dia. *O Combate*, São Paulo, ano IX, n. 2.546, p. 3, 2 dez. 1923.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução e diferença*. São Paulo: UNESP, 2000. (Prismas/PROPP)

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções: entre a formação do leitor e o mercado de livros. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Org.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Unesp, 2010. p. 139-156.